

DESENVOLVIMENTO MOTOR DE ESCOLARES DA EDUCAÇÃO INFANTIL: ATUAÇÃO DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DO PROFESSOR PEDAGOGO

Antônio Alef Bento da Costa Cunha¹
Maria Iranilda Meneses Almeida²
Priscila Barros de Freitas³
Kessiane Fernandes Nascimento⁴

RESUMO

O estudo trata sobre o desenvolvimento motor de escolares, considerando a atuação de professores pedagogos e de profissionais com formação específica em Educação Física. O objetivo central foi comparar o desenvolvimento motor de alunos da educação infantil que são atendidos por professores licenciados em Educação Física com os que são assistidos exclusivamente pelo professor pedagogo. A metodologia deste trabalho possui delineamento transversal e abordagem quantitativa. A amostra foi composta por 29 alunos da educação infantil, de ambos os sexos, com idades entre 5 e 6 anos, em duas escolas indígenas da rede pública estadual de ensino do Ceará, tendo a participação de um professor pedagogo e um profissional de Educação Física durante a aplicação do teste, que consistiu no *Körperkoordinationstest für Kinder* (KTK). A apresentação dos dados foi feita com o auxílio da plataforma Excel do Windows e o próprio material do KTK que apresenta o cálculo do coeficiente motor de cada teste e do nível de coordenação motora de cada indivíduo. Os resultados encontrados durante a pesquisa mostraram que nas duas escolas investigadas os alunos possuem um desenvolvimento motor satisfatório. Concluiu-se nesse estudo, tendo em vista que os profissionais investigados possuem formações diferentes, que ambos os profissionais parecem desenvolver um bom trabalho com seus alunos no quesito desenvolvimento motor, pois os resultados dos testes mostraram-se satisfatórios.

Palavras-chave: Professor de Educação Física, Professor Pedagogo, Desenvolvimento Motor.

1 INTRODUÇÃO

Refletir sobre a Educação Física e a Educação Infantil se faz necessário e é de grande relevância em função das novas determinações conferidas pela Lei de Diretrizes e Base da Educação 9.394/96 (LDB), pelas orientações instituídas através das políticas educacionais, via

¹ Graduado em Educação Física pela Faculdade Terra Nordeste - FATENE, alefpx@gmail.com;

² Especialista em Ensino da Educação Física Escolar – Faculdade Farias Brito, Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Física Escolar – GEPEFE- UECE, irenildameneses@gmail.com;

³ Mestranda em Educação pela Universidade Estadual do Ceará - UECE, Especialista em Psicomotricidade Relacional pelo Centro Internacional de Análise Relacional – CIAR/FACEL, Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Ceará- UFC, pris.freitas@aluno.uece.br;

⁴ Doutoranda e Mestra em Educação pela Universidade Estadual do Ceará – UECE, Especialista em Educação Física Escolar pela UECE, Graduada em Educação Física pela UECE, Docente na Faculdade Terra Nordeste – FATENE, Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Física Escolar – GEPEFE - UECE, kessianefn@hotmail.com;

Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e pelas novas perspectivas colocadas para a Educação Física a partir de teorias em construção no campo acadêmico.

A disciplina de Educação Física compõe o currículo obrigatório da Educação Básica (BRASIL, 2001), podendo ser os horários destinados a estas aulas a única oportunidade que alguns alunos dispõem para se movimentarem e participarem de alguma atividade física e esportiva. Para alguns autores a prática de atividade física é considerada um recurso valioso para o desenvolvimento de hábitos de vida ativos (GALLAHUE; DONNELLY, 2008).

O professor pedagogo pode atuar na educação infantil utilizando suas intervenções para alavancar o desenvolvimento do aluno. A atuação com formação específica em Educação Física na Educação Infantil nem sempre é uma opção assumida pelas escolas, pois o professor pedagogo, por sua formação polivalente, possui autorização legal para atuar nesta etapa de ensino em qualquer componente curricular. Os motivos variam: por haver eventual falta de recursos financeiros na Educação para a contratação de profissionais específicos, por haver carência de profissionais específicos em todas as localidades, ou mesmo por haver a defesa de um projeto educacional de formação integral do aluno (BRASIL, 2017), que teria maiores chances se ser garantida pela contratação de um único profissional. Contudo, é preciso estar atento ao fato de que a formação de professores, seja pedagogo ou o profissional de Educação Física, contemple o complexo trabalho que a educação infantil demanda.

Segundo a autora Melo (2001), a criança não se utiliza de suas habilidades motoras apenas para se locomover, mas também para a sua aprendizagem, proporcionando assim um melhor aperfeiçoamento dos seus movimentos enquanto se desenvolve.

A Educação Física é um componente curricular que perpassa toda a Educação Básica, compreendendo a Educação Infantil, o Ensino Fundamental e o Ensino Médio. A Educação Física se manifesta na Educação Infantil por meio das interações e brincadeiras, considerados eixos estruturantes das práticas pedagógicas desta etapa de ensino, segundo a Base Nacional Comum Curricular – (BNCC) e se apresentam em atividades que envolvem a expressão corporal, englobando também as brincadeiras e jogos da cultura infantil (BRASIL, 2017).

É fundamental ressaltar que a Educação Física oferece uma série de possibilidades para enriquecer a experiência das crianças, jovens e adultos na Educação Básica, permitindo o acesso a um vasto repertório cultural. Esse universo compreende saberes corporais, experiências estéticas, emotivas, lúdicas e agonistas, que se inscrevem, mas não se restringem, à racionalidade típica dos saberes científicos que, comumente, orientam as práticas pedagógicas na escola. Experimentar e analisar as diferentes formas de expressão que não se alicerçam apenas nessa racionalidade é uma das potencialidades desse componente na Educação Básica.

Para além da vivência, a experiência efetiva das práticas corporais oportuniza aos alunos participar, de forma autônoma, em contextos de lazer e saúde (BRASIL, 2017).

No caso de se optar pela inserção de um profissional com formação específica em Educação Física, é necessário pensar sobre o papel do professor de Educação Física na Educação Infantil, sobre a sua importância no desenvolvimento social, cognitivo e motor das crianças em fase de desenvolvimento, em que o primordial é uma variedade de experiências direcionadas de acordo com a especificidade dessa fase significativa para seu desenvolvimento ao longo da vida. Desse modo, o professor de Educação Física deve trabalhar em conjunto com o(a) professor(a) polivalente, unindo seus conhecimentos em prol de uma experiência enriquecedora para docentes e escolares, a fim de que se desenvolvam integralmente e experimentem situações novas e desafiadoras em suas vidas.

Vale ressaltar que os professores pedagogos são elementos-chave para o trabalho do professor de Educação Física na Educação Infantil, já que, são elas que estão a maior parte do tempo com as crianças, são elas que vão fornecer indícios de como está a turma, se é um dia bom, se é um dia ruim, se a turma está agitada, se está sem fazer atividades recreativas (brincadeiras, jogos) há muito tempo, entre outros elementos. Todas essas situações são determinantes para o planejamento e o bom andamento das aulas de Educação Física.

Considerando que nem toda escola contrata o profissional de Educação Física para garantir o desenvolvimento motor, o objetivo deste estudo foi comparar o desenvolvimento motor de alunos da educação infantil que são atendidos por professores licenciados em Educação Física com os que são assistidos exclusivamente pelo professor pedagogo.

2 METODOLOGIA

Planejamento da Pesquisa

O presente estudo apresenta delineamento transversal e abordagem quantitativa, tendo como público alvo alunos da Educação Infantil de escolas com padrão de ensino semelhante. O estudo foi realizado em escolas indígenas da rede estadual de ensino e se utilizou da aplicação de um teste validado sobre desenvolvimento motor dos alunos das escolas visitadas. Foi solicitada previamente a autorização das escolas para a realização do presente estudo por meio do Termo de Anuência, posteriormente, foi entregue um Termo de Consentimento Livre Esclarecido aos Pais – TCLE para os pais das crianças que participaram do teste motor.

Local do Estudo

O estudo foi realizado em duas escolas localizadas no município de Caucaia, Ceará, Nordeste do Brasil. A escolha do local do projeto se deu pela preocupação social com os alunos da escola indígena. O presente estudo foi realizado em duas escolas indígenas da rede estadual: a Escola Indígena Índios Tapeba, que possui somente professor pedagogo atuando na Educação Infantil e na Escola Indígena Tapeba do Trilho, que possui professor de Educação Física atuando em colaboração com os pedagogos.

Participaram deste estudo as escolas indígenas Tapeba, que possuem no seu total 14 unidades, sendo que 11 delas pertencem à rede estadual de ensino e as outras três da rede municipal de ensino. Foram escolhidas duas escolas estaduais por terem padrões semelhantes de ensino. As demais escolas não foram colocadas no estudo por não apresentarem estruturas físicas equivalentes, o que poderia influenciar nos resultados.

As referidas escolas possuíam espaços adequados para a aplicação dos testes a que foram submetidos os alunos, como espaço iluminado, arejado, sem fluxo de transeuntes e com espaço suficiente para organizar o material utilizado.

Amostra

Durante a pesquisa foi avaliado o desempenho motor de 29 escolares com 5 ou 6 anos de idade, todos matriculados na Educação Infantil, no turno matutino ou vespertino, em duas escolas indígenas estaduais, localizadas no município de Caucaia-CE. Da primeira, Escola Índios Tapeba, participaram 14 alunos, com idades entre 5 e 6 anos. Na segunda, Escola Indígena Tapeba de Caucaia, participaram 15 alunos, todos com idade de 5 anos.

Foram excluídos deste estudo os escolares que se recusaram a participar no momento da aplicação ou aqueles cujos responsáveis não entregaram o TCLE devidamente assinado.

Instrumentos e Procedimentos

Foi aplicado com os alunos da educação infantil o teste *Körperkoordinationstest für Kinder* (KTK), que é constituído por quatro tarefas que avaliam o desenvolvimento motor dos alunos. Os trabalhos de Kiphard e Schilling (1970); Schilling e Kiphard (1974) e Kiphard (1976) sobre o desenvolvimento da coordenação e suas insuficiências nas crianças em idade escolar levaram à elaboração de uma bateria de avaliação da capacidade de desempenho da coordenação motora. O teste pretende examinar uma função motora básica, que desempenha um papel importante no desenvolvimento motor da criança na medida em que a idade avança (SCHILLING; KIPHARD, 1974). Após vários estudos empíricos, usando a análise fatorial

exploratória como método estatístico de análise de dados, foi identificado um fator designado por coordenação corporal contendo os quatro testes atuais da bateria KTK (*Körperkoordinationstest für Kinder* - KTK) (SCHILLING; KIPHARD, 1974).

A primeira tarefa consistiu em andar sobre a trave, que teve como objetivo avaliar a coordenação. Após demonstração do professor, o participante precisa tentar andar de costas, equilibrando-se sobre uma barra, buscando chegar ao final da mesma. Se ele caísse ou tocasse o chão com um dos pés ou com qualquer outra parte do corpo, deveria voltar ao início da barra e executar o teste novamente. Este teste foi realizado em 3 barras sendo a primeira de 6 cm, a segunda de 4,5 cm e a terceira de 3 cm.

A segunda tarefa consistiu em saltar em apenas uma das pernas, que teve por objetivo avaliar a coordenação motora e força de membros inferiores. Após a demonstração do professor o participante deveria saltar com uma perna uma espuma de 5 cm de altura. Depois de saltá-la, o participante deveria saltitar 2 vezes sobre a mesma perna para que o salto fosse considerado válido. Em seguida, deveria realizar a mesma atividade, porém, agora com a outra perna. Cada altura deveria ser superada uma vez com cada perna, ou seja, o percurso foi feito uma vez com a perna esquerda e depois com a direita.

A terceira tarefa foi composta por saltos laterais - para um lado e para o outro, e seu objetivo foi avaliar a coordenação espaço temporal. O teste começava após a demonstração do professor. A criança deveria, com ambas as pernas, saltar sobre uma madeira, de um lado ao outro, o mais rápido possível durante 15 segundos. O teste era composto de duas tentativas de 15 segundos, sendo que, entre as duas repetições deveria ser observada uma pausa de 1 minuto. Antes do teste foram permitidos 5 saltos de “ensaio”.

A quarta tarefa consistiu na transposição lateral, cujo objetivo era avaliar a coordenação em condições de pressão de complexidade. A criança deveria, em 20 s, deslocar-se lateralmente o maior número de vezes, utilizando a troca de plataforma (com os dois pés sobre a plataforma “1”, a criança deverá pegar a plataforma “2” com as duas mãos e colocá-la do outro lado do corpo e em seguida, passar para esta prancha, pegar a prancha “1” com as duas mãos, colocá-la do outro lado do corpo e continuar o movimento continuamente).

A criança deveria realizar um trajeto retilíneo, não sendo permitido colocar os pés no chão. A criança deverá realizar o teste duas vezes sendo que, em cada uma delas, o tempo deveria ser de 20 segundos. Entre as provas foi assegurada uma pausa de no mínimo 10 segundos.

Os testes foram realizados no horário matinal em ambas as escolas, os alunos foram levados todos para a quadra da escola, onde o aplicador teve o auxílio da professora que estava

em sala de aula na atuação dos testes. A aplicação começou as 08:00 hs e teve término às 10:30 hs da manhã.

Análise de dados

Após a aplicação do teste os resultados foram organizados segundo a classificação do grau de desenvolvimento motor dos alunos. A plataforma do Windows Excel ano 2013 foi utilizada para fazer as tabelas que apresentou números absolutos e porcentagem do total de alunos participantes. A análise baseou-se na estatística descritiva simples.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados obtidos nesta avaliação de desempenho das variáveis do teste do KTK, foram apresentados em forma de tabelas, com o objetivo de indicar o nível de desempenho motor dos alunos que eram atendidos por professores pedagogos e professores de educação física, respectivamente.

Tabela 1. Escola Índios Tapeba – alunos atendidos exclusivamente por professor pedagogo

CLASSIFICAÇÃO	N = 15	100%
ALTA COORDENAÇÃO	0	0%
BOA COORDENAÇÃO	4	27%
NORMAL	11	73%
PERTURBAÇÕES NA COORDENAÇÃO	0	0%
INSUFICIÊNCIA NA COORDENAÇÃO	0	0%

Fonte: Dados da pesquisa

Nesta tabela acima vemos que dos participantes do teste obteve-se dois resultados. Coordenação boa com 27% e coordenação normal 73%, o resultado foi obtido com ambos os sexos, ou seja, meninos e meninas, não houve resultado referente a alta, perturbações e insuficiência na coordenação.

Tabela 2. Escola Indígena Tapeba do Trilho – alunos atendidos por professor de Educação Física.

CLASSIFICAÇÃO	N = 14	100%
ALTA COORDENAÇÃO	0	0%
BOA COORDENAÇÃO	2	14%
NORMAL	12	86%
PERTURBAÇÕES NA COORDENAÇÃO	0	0%
INSUFICIÊNCIA NA COORDENAÇÃO	0	0%

Fonte: Dados da pesquisa

Nesta tabela acima vemos que dos participantes do teste obteve-se dois resultados. Coordenação boa com 14% e coordenação normal 86%, o resultado foi obtido com ambos os sexos, ou seja, meninos e meninas, não houve resultado referente a alta, perturbações e insuficiência na coordenação.

Na tabela 1, na Escola Índios Tapeba, foi verificado que 73% dos participantes têm um nível de desenvolvimento motor normal e 27% apresentam um nível de desenvolvimento motor bom.

Os resultados da Escola Indígena Tapeba do Trilho apresentados na tabela 2 mostram que os participantes apresentaram um percentual de 87% para o desenvolvimento motor normal e 13% para um nível de desenvolvimento motor bom.

Segundo Gallahue e Ozmun (2005), é na escola que as crianças podem viver experiências que darão base para um desenvolvimento saudável durante o resto de sua vida. A partir dos resultados encontrados vimos que os alunos desta escola possuem um bom acompanhamento do professor pedagogo ao se tratar do desenvolvimento motor dos seus alunos, tanto do sexo masculino quanto feminino.

Segundo Haywood e Getchell (2004), o desenvolvimento motor também diz respeito a indivíduos de qualquer idade, do nascimento até a sua morte. Portanto, as mudanças que ocorrem em nosso sistema motor em comportamento e movimento o desenvolvem em um processo contínuo e sequencial relacionado à idade.

Em um estudo realizado por Leite *et al*, (2016), a partir da utilização de um teste diferente do que foi utilizado neste estudo, os participantes, em sua maioria, também apresentaram uma idade motora de acordo com sua idade cronológica. Algumas crianças ultrapassaram a idade cronológica, estando bem desenvolvidas, enquanto poucas apresentaram um nível menor na idade motora, principalmente no aspecto equilíbrio, onde encontraram maior dificuldade.

Rosa Neto *et al.* (2010) reforçam a importância de avaliar o desenvolvimento motor, com regularidade, com grande frequência, principalmente na infância, onde acontecem as grandes mudanças.

Em um estudo de Felipe e Felício (2014), no qual se analisou 76 escolares de ambos os sexos, os resultados apontaram que 82,9% possuem uma coordenação motora normal, 10,5% atingiram uma coordenação boa e 5,3% apresentaram perturbações na coordenação. Este estudo alerta sobre a importância de fazer avaliações com nossos alunos desde a sua infância até idades mais avançadas para sabermos não só o nível de coordenação mais também pode identificar algum outro tipo de problema na sua saúde.

Fazendo um comparativo com um estudo de Giroldo (2018) que realizou um estudo com 8 crianças com idades entre 11 e 13 anos de ambos os sexos, mostrou que 02 alunos tiveram uma coordenação boa e 06 alunos tiveram uma coordenação normal segundo a classificação do KTK no primeiro bimestre do ano. Já no começo do segundo bimestre foram avaliados apenas sete, dos oito alunos. Que segundo a soma dos quocientes motores, seis alunos obtiveram coordenação normal, e apenas um teve perturbações na coordenação. Em um terceiro momento, no final do 3º bimestre do mesmo ano, avaliando os mesmos escolares, com exceção de um, observando suas evoluções ou regressões durante o ano, obteve-se que 01 aluno com muito boa coordenação, 04 com boa coordenação e 01 com coordenação motora normal.

No estudo de Ferreira (2015), obteve como resultado que 50% dos estudantes avaliados apresentam perturbação na coordenação motora, também considerada regular. Dos avaliados, 26,92% encontram-se no nível normal, e 23,07% das crianças apresentam insuficiência na coordenação motora.

No presente estudo, mesmo os alunos tendo idades diferentes os mesmos mostraram um bom desempenho durante o teste mesmo sendo analisados em tempos diferentes do ano. O KTK mesmo sendo um teste da década de 70, os seus valores permanecem atuais e oferecem alta confiabilidade e oportunidade de padronização das avaliações. Além disso, o teste é utilizado como critério para validação de outros instrumentos de avaliação da coordenação motora (COOLS *et al.*, 2009 apud GORLA; ARAÚJO; RODRIGUES, 2014; VANDORPE *et al.*, 2011).

Em um estudo realizado em Fortaleza-CE por Ferreira e Torres (2013), a partir de um questionário com professores da rede municipal de Fortaleza com o intuito de verificar a importância da educação física no ensino infantil e fundamental teve como resultado, na opinião dos participantes, as aulas de Educação Física têm trazido benefícios aos alunos e deveriam ser ministradas por profissionais com formação na área, tendo em vista a especificidade do

trabalho. Apesar da constatação deste estudo de caso sobre a importância da disciplina para o desenvolvimento dos alunos e contribuições quanto à atuação de um profissional especialista ministrando-a, o que se percebe ainda nas realidades das escolas, em particular do próprio município de Fortaleza, é que nem sempre encontramos um profissional da área atuando nestes níveis de ensino (infantil e fundamental – anos iniciais).

Chamou-nos a atenção que, mesmo sendo estimulados por profissionais com formações diferentes, todos os alunos apresentaram bom desenvolvimento. Vários fatores podem estar associados a este resultado, inclusive a facilidade de acesso a equipamentos e espaços naturais e/ou artificiais em que os participantes possam ter estímulos motores. Também é possível que tenham sofrido a ação intencional de pessoas diversas e/ou profissionais outros que promovam estes estímulos, porém, acredita-se também que o trabalho desenvolvido na escola também possui influência positiva neste resultado.

Segundo um estudo realizado por Recco (2014) em que participaram nove professores de três escolas diferentes, sendo em cada escola uma professora de Educação Infantil, uma professora coordenadora pedagógica e uma professora de Educação Física, verificou-se uma ausência de tempo e espaços para um trabalho colaborativo entre as docentes. Além disso, o trabalho docente é realizado de maneira individualizada e fragmentada por momentos distintos de áreas do conhecimento, não havendo na maioria dos casos analisados, nenhuma conexão e continuidade entre as práticas pedagógicas. A promoção de horários conjuntos nos quais professores de educação física e de educação infantil possam se reunir para conversar e refletir sobre as práticas educativas parecem ser desejadas pelas participantes da pesquisa, pois esse poderia ser um primeiro passo para favorecer o desenvolvimento de um trabalho colaborativo.

Em resumo, os resultados do presente estudo ampliam as discussões acerca do uso do KTK como instrumento para medir a competência motora em crianças, especialmente para a realidade das escolas indígenas. Levanta-se neste estudo a necessidade de considerar as características próprias de cada comunidade, ambiente e cultura, na avaliação da competência motora de crianças.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisarmos os dados deste estudo, conclui-se que os escolares com idade entre 5 e 6 anos de ambas as escolas, que participaram da bateria de teste do KTK, estão com um nível normal ou bom de desenvolvimento motor, tanto os que são atendidos por professores pedagogos quanto os que são atendidos por professores de Educação Física.

Como os alunos mostraram um bom desempenho durante o teste, sugere-se que os professores continuem trabalhando sempre o desenvolvimento motor de seus alunos, pois aumentam-se as chances de tornarem-se adolescentes e adultos com um repertório motor satisfatório e consciência corporal mais consolidados.

A comparação das duas escolas não revelou diferenças significativas no nível de coordenação de cada aluno no teste aplicado. Possivelmente, o padrão de estrutura física equivalentes, aliado ao auxílio dos professores de cada escola na estimulação motora tem favorecido este processo. Junte-se a isto a própria cultura indígena que cultivava historicamente as brincadeiras envolvendo os movimentos naturais como correr, saltar, trepar em árvores, dançar e jogar, contribuiu para o resultado apresentado. Acredita-se que as vivências possibilitadas pela cultura indígena, tanto em conteúdo como em metodologia, tenha influenciado positivamente nos resultados.

Portanto, sugere-se que estudos como este sirvam como parâmetro para que os professores que trabalham com crianças nesta faixa etária tenham melhores condições de conduzir a aula, contribuindo para que os escolares adquiram um melhor desenvolvimento motor durante a fase escolar.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei 9.394/96.** Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Brasília: Ministério da Educação, 2001.

_____. **BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR.** Brasília: Ministério da Educação, 2017.

FELIPE, D. S.; FELICIO, E. D. **Perfil motor dos escolares ingressantes no ensino fundamental I da Escola Municipal Frei Florentino da cidade de Muzambinho/MG.** Monografia de graduação. 2014),

FERREIRA; H. S.; TORRES, A. L., **Educação Física na Educação Infantil e no Ensino Fundamental na percepção de pedagogos: um estudo de caso.**Fortaleza – Ceará, 2013.

FERREIRA, M. R. Avaliação da coordenação motora de escolares na cidade de Vacaria – Rio Grande do Sul – **DO CORPO: Ciências e Artes.** v.5, n.1, 2015.

GALLAHUE, D. L.; OZMUN, J. C. **Compreendendo o desenvolvimento motor.** 3. ed. São Paulo: Phorte, 2005.

GALLAHUE, D. L.; DONNELLY, F. C. **Educação Física Desenvolvimentista para todas as crianças**/David Gallahue, Francês Cleland Donnelly; [tradução Samantha Prado Stamatiu, Adriana Elisa Inácio]. 4 ed. São Paulo: Phorte, 2008.

GIROLDO, J. C. Aplicação do teste de coordenação corporal KTK em discentes de uma escola estadual, no município de Mauá/SP: um estudo de caso. **Revista Carioca de Educação Física**. v. 13, n. 1, p. 59-61. 2018. Disponível em:

<<https://www.revistacarioca.com.br/revistacarioca/article/view/51/64>>. Acesso em: 23 de janeiro de 2019.

GORLA, J.I; ARAÚJO, P.F; RODRIGUES, L.J. Avaliação Motora em Educação Física Adaptada – Teste de KTK, 3º Ed, São Paulo: Phorte, 2014.

HAYWOOD, K. M.; GETCHELL, N. **Desenvolvimento motor ao longo da vida**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

KIPHARD, E.J.; SCHILLING, F. **Der hamm-marburger-koordinationstest fuer kinder (HMKTK)**. Monatszeitsschrift fuer KinderheilKunde, n.118, p.473-9, 1970.

KIPHARD, E.J. – **Insuficiencias del movimiento y de coordinación edad de 1ª escuela primaria**. Buenos Aires p.28, 1976.

LEITE, D.M.; OLIVEIRA, E.S.; PAULA, G.M.; ROCHA, G.S.J.; SANTOS, M.N. **A Importância da Educação Física escolar para o desenvolvimento motor**. Jardim São Bento Novo: São Paulo, 2016.

RECCO, Kethylin Viotto. **O TRABALHO DOCENTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: Os Desafios Na Relação Entre Professor De Educação Física E Professor De Educação Infantil**. Rio Claro, São Paulo, 2014.

ROSA NETO, F.; SANTOS, A. P. M.; XAVIER, R. F. C.; AMARO, K. N. **A importância da avaliação motora em escolares: análise da confiabilidade da Escala de Desenvolvimento Motor**. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcdh/v12n6/v12n6a05.pdf>>. Acesso em: 03 mar. 2018.

SCHILLING, F.; KIPHARD, E.J. **Körperkoordinations test für kinder, KTK**. Weinheim, Beltz Test GmbH, 1974.

VANDORPE, B. et al. The Körperkoordinationstest für kinder: references value and suitability for 6-12 year old children in Flanders. *Scand. J. Med. Sci. Sports*, v.21, n1, p. 378-88, 2011.